



A CIDADE E AS SERRAS: UM OLHAR SOBRE A FRANÇA E PORTUGAL DO SÉCULO XIX

Mateus Barbosa Santos da Silva¹

RESUMO

O principal objetivo deste artigo é realizar um diálogo entre Geografia e a Literatura, possibilitando uma leitura e análise do espaço geográfico por meio de expressões artísticas e literárias. O nosso objeto de estudo foi a obra póstuma do escritor português José Maria Eça de Queirós intitulada *A cidade e as serras* publicada em 1901. O enredo dessa obra envolve duas realidades distintas e coetâneas: a cidade e o campo. O cenário citadino está ancorado em Paris do século XIX e o campo está presente em Tormes, nas Serras de Portugal. As principais considerações apontam para as críticas à modernidade e as relações entre homens e entre estes e o espaço que se consolidavam no século XIX. Assim, esta obra nos torna possível imaginar e reconstituir as paisagens da Paris do século XIX e das Serras em Portugal e também de refletir sobre as relações entre capital e trabalho.

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Eça de Queirós, Contexto Socioespacial

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: mateusb_1@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva realizar um diálogo entre Geografia e a Literatura, possibilitando uma leitura e análise do espaço geográfico por meio de expressões artísticas e literárias. Isto porque entendemos que os diversos campos dos saberes (religião, filosofia, arte e ciência) convergem e possibilitam a apreensão da realidade, em que cada um desses campos tem suas particularidades investigativas e metodológicas (OLANDA; ALMEIDA, 2008).

Nesse sentido, assumindo que a Literatura é uma maneira de apreensão da realidade, o nosso objeto de estudo foi a obra póstuma do escritor português José Maria Eça de Queirós intitulada *A cidade e as serras* publicada em 1901. A narrativa é subdividida em dezesseis capítulos, com instigantes e densas 224 páginas. Após a introdução do livro, há uma advertência explicitando que após a página 126 da versão original publicada em Portugal, a obra não pode ser revista devido à morte do autor em agosto de 1900.

O enredo de *A cidade e as serras* envolve duas realidades distintas e coetâneas: a cidade e o campo (as serras). O cenário citadino está ancorado em Paris do século XIX e o campo está presente em Tormes, nas Serras de Portugal. Esta obra nos informará e revelará sobre tais realidades no século XIX, demonstrando as práticas socioespaciais e seus contextos político, histórico, cultural e econômico.

Este artigo está estruturado em três seções. A primeira, intitulada *Geografia e Literatura uma contextualização*, discorre sobre o panorama das relações entre Geografia e Literatura e os avanços de efetivação da aproximação entre as duas áreas nas últimas décadas. A segunda e terceira partes, respectivamente, *Paris: A capital do século XIX* e *Tormes, Portugal: de uma visita à estadia permanente* buscaram fazer uma descrição e uma reflexão sobre o contexto socioespacial e as transformações em curso presentes na obra *A cidade e as Serras* de Eça de Queirós (2011), enfatizando os dois cenários de reflexão escolhidos pelo autor.

GEOGRAFIA E LITERATURA UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

A relação entre Geografia e Literatura remonta ao início do século XX (BROSSEAU, 2013). Olanda e Almeida (2008) afirmam que desde 1940, na França, existia uma vontade de realizar estudos de romances, contos, crônicas, entre outros, por meio de perspectivas geográficas. No entanto, essa relação não teve muitos desdobramentos, tornando-se mais profícua na década

de 1970 quando a prevalência do positivismo começou a ser questionada e contestada na Geografia abrindo a oportunidade de pesquisas e reflexões voltadas para o sujeito (no caso da Geografia Humanista) e para os processos sociais e para a desigualdade (no caso da Geografia Crítica) (BROSSEAU, 2013).

Para Brosseau (2013), a adoção das fontes literárias na Geografia é tardia, haja vista que a relação das demais ciências humanas com a literatura já havia sido estabelecida, posto que o material literário já era utilizado como fonte de informação sobre eventos e épocas distintos. Na ciência geográfica ganha destaque a utilização de obras de caráter realista como fonte de compreensão das percepções individuais e sociais dos processos em curso, bem como das subjetividades da relação entre homem e espaço.

Assim, atualmente a ciência geográfica – a partir de uma abordagem cultural do espaço – tem na Literatura um alicerce de intermediação da compreensão da relação entre homem e o espaço por ele produzido (OLANDA; ALMEIDA, 2008). Olanda e Almeida (2008) ratificam as ideias de Claval (2014) – considerando a Literatura como uma fonte documental – uma vez que os romances nos ajudam a compreender as regiões e/ou lugares por meio de personagens e da expressão de suas emoções (OLANDA; ALMEIDA, 2008). Assim, as obras literárias constituem-se como fontes de apreensão da realidade, por revelarem características históricas, culturais, econômicas e ambientais de determinadas sociedades em um tempo específico (OLANDA; ALMEIDA, 2008).

Problematizando a aproximação entre os dois campos de reflexão é preciso ressaltar que há um deslocamento, nas duas áreas sobre o espaço. Enquanto na Geografia o espaço é o elemento central, a totalidade verdadeira e intentada, que reflete e condiciona a vida social, mas que não pode ser alcançado (SANTOS, 2012), na própria produção literária o espaço nem sempre assume caráter central, sendo usualmente, um elemento acessório, mas imprescindível à produção literária, pois aquilo que é narrado carece de uma ambientação espacial (NUÑEZ, 2010).

Marinho (2016) aponta que nas pesquisas geográficas que se aproximam da literatura há uma prevalência da perspectiva cultural humanista direcionadas pelos conteúdos espaciais mais aparentes nas obras literárias estudadas. Este conteúdo confere personalidade aos lugares expressos na literatura e é criticada pelo autor na medida em que valida tanto a perspectiva

schopenhaueriana do mundo como representação quanto o caráter supraorgânico da cultura² (por meio da supraorganicidade da representação cultural, servindo como uma explicação guarda-chuva para situações e problemas de pesquisa não enfrentados), pois os dois projetos tomam o espaço por dado.

Refletindo sobre os caminhos trilhados pelos geógrafos na aproximação com a Literatura o autor identifica seis tendências principais nas quais tais pesquisas tem sido desenvolvidas:

1. estudos de transcrição da personalidade dos lugares, em que, como expomos, a obra literária (romance, conto) oferece um “decalque” de uma região;
2. estudos sobre o conteúdo geográfico evidente da obra literária (romance, conto, poesia), pois a extração do significado espacial é facilitada;
3. estudos em que a descrição literal de paisagens literárias (romance, conto) e o princípio norteador da leitura geográfica;
4. estudos que evidenciam o contexto sociopolítico da produção literária (romance);
5. estudos em que o sentido da linguagem e do discurso e o determinante na relação entre geografia e literatura (romance);
6. estudos em que o enfoque numa representatividade regional e recorrente (poesia). (MARINHO, 2016, p. 282-283).

Segundo Marinho (2016) a diferença entre essas tendências se dá pelo enfoque e reflexões distintos a que dão encaminhamentos. Para o autor é necessário que se busque um novo caminho de reflexão e aproximação entre os dois campos estabelecendo uma nova base onto-epistêmica de influencia fenomenológica. Cientes de tais críticas, reconhecemos a dificuldade de operacionalizar tal reflexão e evidenciamos que este texto se constitui no bojo das tendências já consolidadas de aproximação entre Geografia e Literatura.

Nesse ínterim, Silva e Pinheiro (2004) evidenciam a forte relação entre Literatura e a cidade, afirmando que as cidades sempre foram objetos de reflexão, de questionamentos, de angústias e de devaneios dos escritores, pois a cidade torna-se lugar ao passo que é habitada e experienciada pela humanidade que a produz (PINHEIRO; SILVA, 2004). Estes autores ressaltam que é equivocado pensar que a literatura constitui-se apenas um mundo imaginado e fictício, pois os escritores partem de elementos reais para a construção da sua obra, que podem ser “ressignificados e transpostos para um contexto imaginário, ou ainda de elementos imaginários sobrepostos no real” (PINHEIRO; SILVA, 2004, p. 23).

² O debate sobre o caráter supraorgânico da cultura e sua superação pode ser encontrado nos textos de Duncan (2010), Cosgrove (2010) e Cosgrove e Jackson (2010) organizados por Corrêa e Rosendahl (2010) no livro intitulado *Introdução à Geografia Cultural*.

A Literatura, portanto, possibilita o conhecimento de diferentes espaços, lugares e tempos, pois os escritores estão imbuídos da realidade concreta, da qual retiram suas referências para construir de forma imaginativa e poética as suas obras literárias. As obras literárias podem, portanto, nos convidar a passearmos no passado, mas podem também abrir nossas imaginações para outras possibilidades de mundo.

Pinheiro e Silva (2004) apontam à importância de nos debruçarmos sobre a Literatura para a realização de uma literatura do espaço real, pois esta é indispensável para apreendermos o que está além das aparências, ou seja, o que não está perceptível nos primeiros momentos a nossa intelecção.

Nesse aspecto, não podemos deixar de mencionar que a Literatura funciona como representação de mundo podendo aproximar ou afastar as pessoas da realidade. Acerca da importância do conceito representação (LEFEBVRE, 2006), Serpa (2014) afirma que esta pode ser entendida como “formas de comunicar e reelaborar o mundo, aproximações da realidade que, no entanto, não podem substituir o mundo vivido” (SERPA, 2014, p. 488).

Assim, a representação é uma expressão do real, funcionando por meio de um processo comunicacional e de conhecimento, cuja “linguagem literária comunica, pois, aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana. Ela revela a visão e o posicionamento do escritor frente ao mundo” (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p. 22). Cabe, pois ao pesquisador que se debruça sobre as aproximações entre Geografia e Literatura estabelecer caminhos de reflexão que aproximem do real ao invés de escamoteá-lo.

PARIS: A CAPITAL DO SÉCULO XIX

O contexto histórico europeu presente na obra *A cidade e as serras* se passa a partir do período marcado pela Revolução Industrial, cuja Inglaterra foi o país pioneiro. Aliando as ideias de Lefebvre (1999) às de Sennett (1998), percebemos que as economias das capitais europeias do século XIX herdaram e continuaram com as atividades econômicas que existiam anteriormente como o comércio, as finanças e a burocracia que permaneceram como as principais das capitais. As atividades industriais não necessariamente estavam ligadas à

cidade, pois estas atividades dependiam da distância e dos custos de transporte que afetavam o nível dos lucros conforme as lógicas descreviam as teorias das localizações industriais³.

Acerca da cidade industrial Lefebvre (1999) afirma que essa, enquanto uma aglomeração urbana, é precursora da zona crítica, pois a inflexão implosão-explosão da realidade urbana produz diversas consequências como: concentração urbana, êxodo rural, extensão do tecido urbano, subordinação completa do agrário ao urbano (LEFEBVRE, 1999).

De acordo com Sennett (1998), neste mesmo período há um vertiginoso crescimento populacional devido aos avanços das condições médico-sanitários e da migração campo-cidade. Este aumento populacional pressionava os limites da cidade, justificando assim o processo de Haussmanização de Paris, no estado Bonapartista de Napoleão III.

É nesse contexto que está inserido a Paris do século XIX inserida no livro de Eça de Queirós. E, a Paris do século XIX é vista por Walter Benjamin (1985; 2006) como o centro de reflexão sobre as mudanças nas formas-conteúdo, haja vista que era no espaço urbano e, em especial nas grandes cidades cosmopolitas que as inovações chegavam com maior velocidade.

O enredo é narrado a partir da personagem José Fernandes (Zé Fernandes), de origem de Guiães em Portugal, amicíssimo da personagem principal, Jacinto. E é, portanto, a partir da ótica destes personagens que podemos tomar ciência das transformações socioespaciais em curso.

A família de Jacinto tem origem em Tormes, Portugal. Era uma família que possuía tradição em produzir grãos e uvas desde os tempos do rei Dinis⁴. No entanto, a explicação do nascimento de Jacinto em Paris, começa pelo entendimento do contexto histórico que levou o seu avô Jacinto Galião a sair de Portugal rumo às terras francesas: a derrota de Dom Miguel para Dom Pedro I na luta política e ideológica presente na guerra civil portuguesa para a sucessão do trono em Portugal após a morte do rei D. João VI.

Em Paris, seu avô comprou o palacete de um príncipe polonês, localizado nos Campos Elíseos (*Champs-Élysées*), número 202, onde nasceu Jacinto. Este personagem, apesar de ser herdeiro de terras em Portugal, nunca teve a vontade de visitá-las e em Paris tem a sua vida cheia de

³ Claval (2005) mostra o desenvolvimento das teorias de localizações e da Geografia Econômica, cuja lógica inicial foi escrita a partir de 1820 explicitando a lógica de produção agrícola (Von Thünen), posteriormente, da produção industrial entre 1870 e 1910 e dos serviços nos anos de 1930 (Alfred Weber, em 1909; Walter Christaller em 1933).

⁴ Queirós (2011) mostra em nota de rodapé no livro dom Dinis ou Dinis I foi rei de Portugal, governando de 1279 a 1325.

confortos, bastante atarefada com muitas reuniões e festas em presença da alta classe no seu nobre palacete. É diante da perspectiva de um personagem abastado que podemos vislumbrar os avanços técnicos e científicos nos meios de comunicação e de transporte pela cidade.

Assim, Queirós (2011) demonstra o desenvolvimento da lógica urbano-industrial no século XIX, em que novas relações entre capital e trabalho e entre homem e espaço passam a se delinear (LEFEBVRE, 1999). São elementos centrais para as reflexões de Jacinto sobre o mundo e, portanto, de Queirós, a ideia de civilização e a transformação técnico-científica do mundo. Tais transformações, amplamente estudadas na academia evidenciam o surgimento do assalariamento, a precarização das relações de trabalho, a dissociação da relação entre homem e terra (campo) e a conseqüente primazia da cidade sobre o campo, além do aprofundamento da divisão territorial do trabalho, a seletividade espacial e o desenvolvimento desigual e combinado (SMITH, 1988, SENNETT, 1998, , LEFEBVRE, 1999, HOBSBAWM, 2010, SANTOS, 2012).

Para Jacinto, a ideia de civilização, de progresso e de futuro estava ancorada a imagem da cidade. Isto significa que, para este personagem é como se as cidades grandes possuíssem um “grau elevado de civilização” pelo acúmulo de técnicas e de conhecimento que permitiriam a humanidade ser feliz. A Paris do século XIX com todas as suas transformações revela-se como uma cidade mundial que “torna-se um organismo cada vez mais complexo onde cada nova engrenagem é o fruto de uma alta tecnicidade” (PINHEIRO, SILVA, s/d, p. 1)

Quando Jacinto, no seu quarto do 202, com as varandas abertas sobre os lilases, me desenrolava estas imagens, todo ele crescia, iluminado. Que criação augusta, a da Cidade! Só por ela, Zé Fernandes, só por ela, pode o homem soberbamente afirmar a sua alma!... (QUEIRÓS, 2011, p. 21)

A Paris do século XIX com diversos armazéns, com mercados que abasteciam várias províncias francesas, com bibliotecas transbordando ideias e livros, com as ruas cheias de fios de telégrafos, telefones, canos e gases, com diversas filas de ônibus, carros e dois milhões de pessoas tentando sobreviver, fazia com que Jacinto ficasse admirado com o movimento e a vida da cidade.

Após um primeiro contato inicial com Jacinto, Zé Fernandes por motivos de ajuda aos negócios familiares necessitou retornar a Guiães. A duração de sua estadia na sua terra natal

renderam sete anos e retornou a “civilização” novamente para reencontrar seu amigo em Paris. Após este tempo passaremos a visualizar o desabrochar do enredo com as transformações de Jacinto e do seu pensamento sobre a cidade e a civilização.

No final do segundo capítulo, Zé Fernandes começa a narrar o desencanto de Jacinto com a cidade e com a humanidade. Jacinto possuía um acúmulo imenso de objetos utilizados no seu cotidiano, seja para realizar tarefas mais simples como comer ou até mesmo objetos de entretenimento como o “teatrofone”. O desgosto de Jacinto se revela na trama a partir de algumas consequências do crescimento das grandes cidades: os problemas urbano-ambientais. Portanto, em suas refeições Jacinto – além de utilizar seis talheres diferentes para degustar comidas variadas – hidratava-se com mais de seis tipos de água, insatisfeito com a poluição das águas urbanas:

-Santíssimo nome de Deus, Jacinto! Então és ainda o mesmo tremendo bebedor de água, hem?... *Un aquático!* Como dizia o nosso poeta chileno que andava a traduzir Klopstock.

Ele Derramou, por sobre toda aquela garrafaria encarapuçada em metal, um olhar desconsolado:

-Não... É por causa das águas da Cidade, contaminadas, atulhadas de micróbios... Mas ainda não encontrei uma boa água que me convenha, que me satisfaça... Até sofro sede (QUEIRÓS, 2011, p. 32).

Eça também se atenta para questões geopolíticas, norteadas pela visão eurocêntrica de mundo. A pauta sobre o Neocolonialismo e a partilha dos continentes africano e asiático estão presentes na trama a partir de uma festa dada no 202 para a alta sociedade parisiense. Zé Fernandes observa Jacinto ao fundo de sua magnífica biblioteca⁵ recusando uma proposta de dois homens, o Conde de Trèves e o banqueiro judeu, David Efraim. Ao chegar à conversa entendeu que se tratava na busca de investimentos para exploração mineral no sudeste asiático por meio da Companhia de Esmeraldas, Jacinto aceitou a proposta por seu caráter nacionalista, uma vez que “era uma corrente de ideias ocidentais, invadindo, educando a Birmânia [...]” (QUEIRÓS, 2011, p. 49).

Ao avançar do enredo, Zé Fernandes e Jacinto visitam a Basílica de *Sacré Cœur* em *Montmartre*, local mais alto das arredondezas de Paris. Esta visão do alto da paisagem parisiense marca uma mudança de escala na percepção do cotidiano da cidade, uma vez que

⁵ Uma vasta biblioteca variando na narrativa entre 30 mil e 70 mil livros.

primeiramente os personagens experienciam os fragmentos da cidade como o palácio, os *boulevards*, o centro, e agora podem visualizar a cidade completa, em sua totalidade, a partir de uma visão oblíqua. Aqui é possível identificar uma aproximação com os procedimentos de pesquisa de Humboldt que, para ter acesso à multiplicidade de pontos de vista, sempre procurava observar o local onde estava a partir do ponto mais alto (CLAVAL, 2004).

É nesse âmbito que Eça de Queirós, a partir da personagem de Zé Fernandes observando toda Paris, realiza uma crítica sobre a cidade que se moderniza no intuito de ser a capital do mundo. Zé Fernandes constrói uma filosofia denominando a cidade – a imponente obra da humanidade – como “ilusão”, ou seja, a cidade como produto e produtora de alienação.

Tão facilmente vitorioso redobrei de facúndia. Certamente, meu Príncipe, uma ilusão! E a mais amarga, porque o Homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda sua miséria. Vê Jacinto! Na cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trêmulos como arames, com cangalhas, com chinós[...] (QUEIRÓS, 2011, p. 71-72)

Na Cidade findou sua liberdade moral: cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência: pobre e subalterno, a sua Cidade é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; (QUEIRÓS, 2011, p. 72)

[...]Só uma estreita e reluzente casta goza na Cidade os gozos especiais que ela cria. O resto, a escura, imensa plebe, só nela sofre, e com sofrimentos especiais que só nela existem. [...] Os séculos rolam; e sempre imutáveis farrapos lhe cobrem o corpo, e sempre debaixo deles, através do longo dia, os homens labutarão e as mulheres chorarão. E com esse labor e este pranto dos pobres, meu Príncipe, se edifica a abundância da Cidade! Ei-la agora coberta de moradas em que eles não se abrigam; armazenada de estofos, com que eles não se agasalham; abarrotada de alimentos com que eles não se saciam! (QUEIRÓS, 2011, p. 73-74)

[...] a tua Civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o Capital der ao Trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável, é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene! A sua esfalfada miséria é a condição do esplendor sereno da Cidade. (QUEIRÓS, 2011, p. 74)

Os trechos acima demonstram uma crítica social à cidade. Primeiramente esclarecendo o processo de alienação da classe trabalhadora engendrado pela produção e reprodução do capital no espaço urbano de Paris no século XIX. Além disto, critica as transformações de

Paris, que favoreceram ao processo de acumulação no espaço urbano e conduziram à expropriação do espaço (BENJAMIN, 1985; DEBORD, 2015).

TORMES, PORTUGAL: DE UMA VISITA À ESTADIA PERMANENTE

Em um segundo momento, a narrativa fixará na visita de Jacinto à Tormes e as serras portuguesas. Seu deslocamento foi motivado pela carta escrita por Silvério, o procurador em Tormes. Este registro escrito explicava que uma grande chuva e um deslizamento de terra proporcionou um lúgubre evento, o arrastamento da velha igreja construída no século XVI onde estavam sepultados seus avós.

Jacinto telegrafou a Silvério ordenando-o a desentulhar o vale, recolher os ossos e reedificasse a igreja sem se preocupar com os gastos advindos do serviço. Em Paris, desiludido com a cidade, recebe uma carta de Silvério dizendo que as obras da capela ficariam prontas em uma semana e com esta notícia comunica a Zé Fernandes que iria partir para Tormes. Este, em um tom emotivo e espantado, alenta Jacinto que a casa em Tormes está inabitável, mas segue dando conselhos para não largar a ideia.

Assim, Jacinto adiando a sua ida à Tormes, escreve ao Silvério para realizar uma reforma em sua casa, e posteriormente conversa via telefone com o diretor da Companhia Universal de Transportes para mandar toda a sua mobília e conforto o campo. A viagem de trem seria realizada por um trecho de Paris a Medina e depois uma baldeação para o comboio de Salamanca. Nesta viagem foram levadas 23 bagagens que se perderam na troca de trens, fazendo com que Jacinto e Zé Fernandes chegassem a Tormes sem nenhum apetrecho do conforto que tiveram em Paris.

Apesar do infortúnio da confusão com suas bagagens. Neste primeiro contato com o ambiente rural das serras portuguesas, Jacinto começa a contemplar as belezas paisagísticas e a simplicidade em que viviam os habitantes rurais de Tormes. É um início da metamorfose da personagem de Jacinto, aquele que outrora acreditava que a plenitude do ser humano estava na cidade e que neste exato momento encontra-se no campo conforme a fala de Zé Fernandes: “Afortunado Jacinto, na verdade! Agora, entre campos que são teus e águas que te são sagradas, colhes enfim a sobra e a paz!” (QUEIRÓS, 2011, p. 124). A narrativa de Zé Fernandes mostra uma mudança cotidiana de costumes e de culinária, da qual Jacinto passava a realizar e a degustar em Tormes, iguarias portuguesas que, inclusive, eram rejeitadas quando estava em Paris.

A narrativa se segue demonstrando que à medida que Jacinto iria experienciando Tormes, este espaço iria se transformando em lugar. No entanto, as primeiras impressões obtidas na paisagem, ao passar do tempo, vão se desfazendo. Em um passeio em um dia chuvoso, Jacinto, Zé Fernandes e Silvério se abrigam chuva em um alpendre. Na conversa Silvério revela que em uma casa próxima dali, ele também se abrigava da chuva em temporais, porém não podiam ir lá porque a mulher que habita a casa está muito doente com “bexiga”⁶. Então, de imediato Jacinto pergunta sobre a existência de médico e de “boticas”⁷, recebe como resposta que há médicos em outras áreas aos arredores e então Jacinto ordena que a senhora seja tratada por médicos e com remédios para que fique sã. Após isto, surge uma criança desolada no meio do caminho, filho da senhora doente, acompanhando os senhores e Jacinto pergunta a Silvério se o menino também está doente, a resposta causa-lhe um tremendo espanto:

-Nada! Este é sãozinho...Coitado, é assim amarelado e enfezadito porque... Que quer V. Ex^a? Malcomido! Muita miséria... Quando há um bocadito de pão é para todo o rancho. Fomezinha, fomezinha!

Jacinto pulou bruscamente da borda do carro.

-Fome? Então ele tem fome? Há Aqui gente com fome?

-Homem! Está claro que há fome! Tu imaginavas talvez que o Paraíso tinha se perpetuado aqui nas serras, sem trabalho e miséria... Em todas as partes há pobres [...]

-[...] O que pergunto é se aqui, em Tormes, na minha propriedade, dentro destes campos que são meus, há gente que trabalhe para mim, e que tenha fome... Se há criancinhas, como estas, esfomeadas.

O Silvério sorria, respeitosamente, ante aquela cândida ignorância das realidades da serra:

-Pois está bem de ver, meu senhor, que há aí caseiros que são muito pobres. Quase todos... É uma miséria, que se não fosse algum socorro que se lhes dá, nem eu sei!... Este esgueira, com o rancho de filhos que tem, é uma desgraça... Havia V. Ex^a de ver as casitas em que eles vivem... São chiqueiros. A do Esgueira, acolá. (QUEIRÓS, 2011, p. 149)

Apesar das aparências belíssimas da paisagem, nas suas entrelinhas se revelam o conteúdo social das quais os olhos de visitante jamais poderiam inicialmente perceber de imediato. Na medida em que experienciava cada vez mais o lugar, percebia o quanto a pobreza dominava o campo. Após esse longo passeio Jacinto ordenou que as 23 casas que estavam repousadas

⁶ Relacionado à Variola, doença infectocontagiosa.

⁷ Referente à Farmácia do século XIX.

sobre o solo de sua propriedade seriam reformadas e dadas algumas mobílias e roupas para as famílias que lá estivessem. Longe de evidenciar uma vontade de luta por igualdade social, esta atitude de Jacinto mais se aproxima da piedade por reconhecer a impossibilidade de tais pessoas de ter acesso à outras oportunidades quer pela migração quer por emprego, dada a estrutura social do contexto. Assim, a lógica do lucro a partir da especulação imobiliária não norteava tal ação de Jacinto, pois para o personagem há uma aparente imobilidade e impossibilidade de alteração da ordem social dada a discrepância entre o “senhor das casas e da terra” e os demais.

Essa pobreza que aparece na falta de acesso às benesses urbanas quer seja no acesso à serviços quer seja na infraestrutura. É patente que as transformações socioespaciais já aprofundadas em Paris ainda não tinham chegado ao interior de Portugal. Como evidencia Milton Santos (2012) as inovações técnicas não chegam simultaneamente nem com a mesma força no espaço. Deste modo, fica evidenciada ainda a marginalidade das áreas rurais portuguesas (vistas como atrasadas) frente ao cenário urbano francês (visto como civilizado e marcado pelo progresso).

Como forma de amarrar o fim da história, Jacinto é convidado por Zé Fernandes a realizar uma visita a sua casa em Guiães para conhecer sua família e comemorar seu aniversário. É lá onde Jacinto conhece a prima de Zé Fernandes, Joantina, com quem casará e terá dois filhos, Teresinha e Jacintinho.

Ao fim do enredo, Zé Fernandes retoma sozinho a Paris, para reviver e reafirmar os incômodos que possuía na cidade: o choque da velocidade, da rapidez, a intensidade e a voracidade que existiam na cidade. Esse personagem, acostumado com o tempo lento do mundo estranha a rapidez que, ao tempo em que consome Paris, também o consome de incertezas, pois vê em tais mudanças a possibilidade de desmoronamento do seu mundo, ou seja, da proximidade, característica que marca o balizamento das relações sociais e espaciais que estabelece em Portugal. O retorno de Zé Fernandes à Portugal, além de retorno ao lugar é também uma fuga da modernidade que em breve se espalhará por todo o continente.

A velocidade, a mudança nos materiais de construção, a impessoalidade das relações pessoais, a densidade de informação, de pessoas e de transportes são profunda e proficuamente analisados por Benjamin em *Passagens* (2006) e em *Paris: Capital do século XIX* (1985) e são utilizados pelo autor para demarcar o aprofundamento da modernidade e a mudança nas

relações entre as pessoas e as cidades marcadas pelos melhoramentos urbanos e por outras concepções de cidade e de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de encadeamento entre Geografia e Literatura nos permitiu conhecer por meio de uma linguagem artística as formas-conteúdos presentes no século XIX, nos possibilitando realizar uma leitura e análise do espaço geográfico em um contexto histórico específico. Este exercício

A cidade e as serras de Eça de Queirós nos permitiu realizar um mergulho sobre as transformações ocorridas no século XIX, inseridas em dois países com contextos e velocidades de transformações bem distintas: França e Portugal. A obra está dividida em duas realidades distintas: a cidade e o campo.

No primeiro momento, o autor mostra a Paris do século XIX, cidade cosmopolita que continuava as transformações iniciadas no século passado e que via surgir muitas outras. Portanto, Queirós (2011) mostra uma Paris contraditória, cidade com muitos avanços materiais, porém com uma população de pobreza avassaladora, fortemente afetada pelas transformações engendradas pelo Barão de Haussmann e seus sucessores. No segundo, mostra uma realidade rural nas serras portuguesas, de fome, de concentração de terras e de exploração dos trabalhadores, uma vez que as riquezas produzidas em Tormes sustentaram toda a vida luxuosa de Jacinto com todas suas pomposas tecnologias em seu palacete nos Campos Elísios, número 202.

Desta forma, a ligação entre Geografia e Literatura permite compreender a relação entre homem e o espaço, neste estudo de caso, o contexto franco-português no século XIX. As descrições pormenorizadas de Eça de Queirós permitem ao leitor imaginar e reconstituir as paisagens da Paris do século XIX e das Serras em Portugal, além de instigar a reflexão sobre as transformações sociais e espaciais em curso com a Revolução Industrial.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Paris, Capital do Século XIX. In: KOTHE, Flávio (Org). **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2006.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Volume II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, p. 265-292.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (Org.). **Paisagens, Textos e Identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 13-74.

_____. Geografia Econômica e Economia. **GeoTextos**, vol. 1, n. 1, p. 11-27, 2005.

_____. **A Geografia Cultural**. 4º Ed. Revisada. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-134.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto. 1ª edição, julho 1997. 14ª reimpressão, fevereiro de 2015.

DUNCAN, James. O supraorgânico na Geografia Cultural americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

HOBBSAWN, Eric John. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. 25. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2010. 535p.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 176p.

MARINHO, Samarone Carvalho. Geografia e Literatura: esboço crítico-compreensivo a um campo de estudo em discussão. In: SUZUKI, Julio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Orgs.). **Geografia, Literatura e Arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 283-331.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Uma Odisseia no Espaço: a Geografia na Literatura. In: ROSENDAHL, Zeny; CÔRREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 73-114.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A Geografia e a Literatura: uma reflexão. **GEOSUL**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008.

QUEIRÓS, Eça de. **A cidade e as serras**. São Paulo: Ática, 2011. 224 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4. Ed. 7. reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2012. 392p.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERPA, Angelo. Teoria das Representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.

SILVA, Maria Auxiliadora; PINHEIRO, Délio. A cidade e seus símbolos. In: Maria Auxiliadora da Silva; Délio José Ferraz Pinheiro. (Org.). **Visões imaginárias da cidade da Bahia. Um diálogo entre a Geografia e a literatura**. 1 Ed. Salvador: EDUFBA, 2004, v. 1, p. 21-29.

_____. A cidade na literatura. No prelo.

SILVA, Maria Auxiliadora da; ARAÚJO, Heloisa Araújo de. A Geografia que Emerge na Arte Literária. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; PINHEIRO, Délio José Ferraz (Orgs.). **Imagens da Cidade da Bahia. Um diálogo entre a Geografia e a Arte**. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2007, v. 1, p. 17-24.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1988. 250 p.